

# Ex-«FRELIMO» pede asilo a Pretória *Diabo 28/7/81*

## A vida degrada-se em Moçambique

— acusa Francisco Adriano Bomba

p.18

Joanesburgo, Julho (de Saldanha e Silva — exclusivo para "O Diabo") — Foi notícia, há duas semanas, a deserção do piloto da Frelimo, Adriano Francisco Bomba, que tripulando um Mig-17, sobrevoou o espaço aéreo sul-africano com o propósito firme de pedir asilo político ao regime de Pretória.

↳ Isto aconteceu em 8 de Julho, um dia antes de Bomba e o seu avião terem de regressar à sua base na Beira.

Inventando um voo de treino — ataque simulado à Moamba — o ten. Bomba largou do aeródromo do Maputo. Fez voo rasante mas, quando alcançou a fronteira, subiu na vertical até 22.000 pés, exactamente para poder ser detectado pelos radares da força aérea da África do Sul. E foi. Dois Mirages sul-africanos, tripulados pelo major Frans Pretorius e pelo capitão Henrie Louw, interceptaram o Mig. O tenente Bomba deu-lhes a conhecer o que pretendia ("asilo político") e aterrou com segurança na base aérea de Hoedspruit no Transvaal Oriental.

Assediado pelos correspondentes militares da imprensa, declarou nessa altura: "Eu quero dormir. Desculpem-me. Sinto-me salvo, mas estou exausto!"

Agora, no entanto, concedeu uma conferência de imprensa, toda ela falada em português, à custa de intérpretes. E declarou:

"Vim para a África do Sul porque não concordo com a política seguida pela Frelimo em Moçambique. Ao cabo de seis anos de independência não vejo qualquer progresso. A vida degrada-se dia-a-dia. Resolvi, por isso, fazer o que fiz. Foi uma decisão difícil, mas cheguei à conclusão de que era a única correcta".

E acrescentou:

"O maior desenvolvimento que Moçambique teve foi até 1974. Quando a Frelimo tomou conta do governo, todos ficámos na expectativa. Nos anos seguintes verificou-se um declínio progressivo. A "dieta" imposta ao povo moçambicano são os discursos de Samora Machel, porquanto a respeito de alimentos dificilmente se encontram".

Contou, depois, alguns passos da sua vida:

Adriano Bomba era estudante do liceu (classe nona) quando lhe foi dito (a ele e aos seus colegas mais qualificados) pelo presidente Machel que tinham de abandonar os estudos e ser integrados nas Forças Armadas. Isto afectou-o profundamente, porque Bomba pretendia continuar o curso e ingressar no ramo das ciências.

"Eu e os meus colegas — afirmou Bomba — perguntámos então uns para outros temos ou não temos liberdade?"

A verdade é que não tiveram. Foram alistados na Força Aérea e enviados para a União Soviética, onde ele foi tratado "com ares paternalistas", chegando à conclusão de que, tal como acontece em Moçambique, seria perseguido se



Francisco Bomba a bordo do «Mig» em que abandonou Moçambique

não concordasse com as directrizes governamentais.

Trinta e três meses depois regressou a Moçambique. Foi colo-

cambiado é constituída por 23 Mig-17, 3 Mig-15 e 21 pilotos. A União Soviética fornece os sobressalentes e o armamento, mas não

### A exportação da energia eléctrica produzida em Cabora Bassa está dependente da vontade da Resistência Nacional Moçambicana

cado em Nacala e continuou a ter instrutores russos.

Quando chegou a altura de poder fugir, fugiu.

O tenente Bomba esclareceu ainda que a Força Aérea de Mo-

dá a Moçambique outra ajuda que não seja a militar.

Interrogado sobre os problemas sociais na África do Sul, respon-

deu: "Não tenho nada a ver com os problemas sociais da África do Sul. Não vim aqui para me opor ao seu governo. Ele terá que decidir a minha situação".

Manifestou, entretanto, o seu desejo de continuar os seus estudos no sector das ciências.

### Um antecedente preocupante

A propósito desta deserção do tenente Bomba e do seu pedido de asilo político, o "Sunday Times" de Joanesburgo recorda um outro oficial negro que em 1979 também fizera o mesmo e que, apesar das diversas negociações junto da Embaixada de Portugal em Pretória para ser transferido para Portugal, acabou por ser repatriado para Moçambique.

Quase simultaneamente com o incidente a deserção de Adriano Bomba, um seu irmão de nome Boaventura, acompanhado da mulher e de um filho de dois anos de idade, atravessaram a fronteira da

### O fornecimento de energia de Cabora-Bassa depende da resistência nacional moçambicana

Entretanto, fontes habitualmente bem informadas asseguram que os dirigentes da Resistência Nacional Moçambicana, movimento que actua em vastas zonas de Moçambique contra o regime marxista da Frelimo, se encontram na disposição de autorizar o restabelecimento da conduta de energia eléctrica da barragem de Cabora Bassa para a República da África do Sul, deixando portanto a guerrilha de cortar os cabos transmissores.

Os dois principais cortes registaram-se em Dezembro do ano passado, privando de abastecimento a central sul-africana. Em fins de Abril, uma delegação governamental portuguesa esteve em Lourenço Marques a negociar com o governo moçambicano soluções para o contencioso económico e financeiro entre os dois países, que envolve os grandes financiamentos portugueses feitos para a construção da barragem. Nas actuais circunstâncias, porém, a exportação de energia eléctrica por Moçambique não depende de convénios mas sim da actuação dos guerrilheiros, fortemente implantados ao longo das áreas atravessadas pelos cabos de transmissão.